

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E PROBLEMAS RELACIONADOS
AO USO DE DROGAS: ANÁLISE DE NECESSIDADES PSICOSSOCIAIS
JUNTO AOS NÚCLEOS DE FLORIANÓPOLIS/SC**

*Education of youth and adults and problems related to the use of drugs:
analysis of psychosocial needs in Florianópolis/SC*

Luciane Raupp¹
Daniela Ribeiro Schneider²

Artigo encaminhado: 23/04/2017
Aceito para publicação: 12/06/2017

RESUMO: Esse trabalho é fruto de uma pesquisa denominada Promoção de Saúde na Educação de Jovens e Adultos: desafios para o enfrentamento de vulnerabilidades psicossociais e problemas relacionados ao uso de drogas, desenvolvida a partir de um projeto de extensão. Visa implementar um programa de promoção da saúde nos núcleos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Florianópolis. A EJA representa um desafio por ser voltada a um público em geral oriundo das classes populares com dificuldades de inserção no ensino regular. O projeto prevê a utilização de métodos mistos, visando: 1) realização de um levantamento do padrão de uso de álcool e outras drogas entre os estudantes; 2) A investigação dos sentidos do processo de ensino-aprendizagem para os estudantes e professores e de como compreendem o impacto do uso de drogas neste processo; 3) O acompanhamento e a avaliação das atividades de promoção de saúde propostas. Neste capítulo será analisada a primeira etapa da pesquisa, o levantamento de necessidades. Serão descritos e analisados cada um dos seis encontros realizados, estruturados segundo a forma de trabalho pedagógico da EJA: a pesquisa como princípio educativo. Os resultados dessa etapa subsidiaram a estruturação das demais etapas do projeto, fornecendo informações para compreender melhor esse público e suas necessidades. Destacou-se o desconhecimento dos alunos sobre características, efeitos e políticas sobre drogas, demonstrando a relevância do trabalho em educação em saúde como forma de instigar reflexões não preconceituosas, baseadas em informações, de forma transversalizada ao currículo escolar.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Promoção de saúde. Prevenção ao abuso de drogas.

ABSTRACT: This work is the result of a investigations named Health Promotion in Youth and Adult Education: challenges for coping with psychosocial vulnerabilities and problems related to drug use, developed from an extension project and aims to implement a health promotion program in the centers of Youth and Adult Education (EJA) in Florianópolis. The EJA represents a

¹ Doutora em Saúde Pública (USP). Docente do PPG Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle

² Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP). Pós-Doutora pela Universidad de Valencia. Docente do PPG em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina

challenge because it is aimed at a general public coming from the popular classes with difficulties of insertion in regular education. The project use mixed methods of research aiming at: 1) conducting a survey of the pattern of use of alcohol and other drugs among students; 2) research the senses of the teaching-learning process for students and teachers and how they understand the impact of drug use in this process; 3) monitoring and evaluation of proposed health promotion activities. This chapter will describe and analyze the first stage of research, the needs assessment. Each of the six meetings will be described and analyzed. They was structured according to the pedagogical method of the EJA: research as an educational principle. The results of this stage subsidized the structuring of the other stages of the project, providing information to better understand this public and its needs. The students' lack of knowledge about drug characteristics, effects, and policies was highlighted, demonstrating the relevance of work in health education as a way of instigating non-prejudiced, information-based reflections, in a way that is transversal to the school curriculum.

Keywords: Education of youth and adult. Health promotion. Drug abuse prevention.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma experiência de pesquisa-ação, ainda em andamento, desenvolvida junto a representantes de professores e alunos de nove núcleos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Florianópolis/SC, de outubro a dezembro de 2016, totalizando seis encontros. Esta ação de pesquisa e extensão surgiu a partir de uma demanda da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis direcionada à coordenação do Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial (PSICLIN/UFSC), sob a forma de um pedido de intervenção na EJA para abordar problemas relativos ao uso de drogas por alunos. A demanda foi justificada por meio de relatos acerca do uso de drogas, mais especificamente de maconha, ser percebido como uma prática frequente entre uma parcela considerável dos alunos em horário escolar, acarretando problemas diversos, internos e externos aos núcleos de ensino. Segundo os professores este problema seria potencializado pelo fato de a substância ser consumida nos arredores das escolas, antes e durante o horário de aulas, prejudicando o processo de ensino-aprendizagem e acarretando uma intensificação dos processos de estigmatização social já comuns em relação ao estudante de EJA.

Considerando o importante papel da EJA no cenário educacional do país, por representar uma possibilidade de volta aos estudos para uma ampla parcela de jovens e adultos, torna-se importante o desenvolvimento de ações capazes de fortalecer essa modalidade educativa que por diversas razões diferencia-se das modalidades regulares. Neste sentido, justifica-se a importância do projeto que visa, ao longo de quatro etapas, proceder ao levantamento de necessidades, planejamento, implementação e avaliação de um programa de Promoção de Saúde e Prevenção aos problemas relacionados ao uso de drogas, em um projeto piloto para a EJA de Florianópolis.

O programa será implementado através da aplicação de técnicas e atividades preventivas diversas, planejadas por meio dos resultados da fase de levantamento de necessidades do projeto. A fundamentação teórica que embasa a construção do trabalho se apoia na perspectiva da Promoção de Saúde, com ênfase nas experiências das Escolas Promotoras de Saúde, e nas perspectivas da Redução de Danos e dos Direitos Humanos.

Neste capítulo será descrita e analisada a primeira etapa do projeto de pesquisa, relacionada ao levantamento de necessidades. Esta fase constitui o primeiro passo de uma ação que objetive intervir em uma dada realidade, cumprindo o papel de um levantamento inicial de necessidades, o qual deve revelar as demandas, os recursos e as dificuldades de cada segmento da realidade para decidir, com o grupo, o foco e a forma de realização da intervenção (NEIVA, 2010). A ênfase na importância dessa fase deve-se aos princípios da Promoção de Saúde, que indicam que os projetos têm que considerar o protagonismo dos atores envolvidos, desde a elaboração do projeto até sua etapa final de avaliação. Sendo assim, nessa etapa inicial, os objetivos foram:

- proceder a uma compreensão dos principais problemas, necessidades e potencialidades dos núcleos de EJA, no que concerne aos problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas;
- conhecer a percepção dos atores envolvidos sobre as características do uso de drogas entre os estudantes e seus impactos no processo ensino-aprendizagem;

- elaborar, conjuntamente, um projeto de intervenção na problemática elencada, seguindo os passos da metodologia de projetos utilizadas pela EJA Florianópolis.

Neste trabalho serão descritos e analisados cada um dos seis encontros realizados, os quais foram estruturados segundo a forma de trabalho pedagógico aplicada no sistema EJA de Florianópolis, a “pesquisa como princípio educativo” (PMF/SME, 2008), utilizada aqui como forma de instigar os alunos e professores a se interrogarem e iniciarem um processo de pesquisa em seus núcleos de origem acerca de como se expressam os problemas relacionados ao uso de drogas nestes locais. Tendo como premissa que a realização de um processo de investigação colaborativo já apresenta, em si, potencial para atuar também como uma forma de intervenção psicossocial sobre a realidade em questão, na medida em que incita à reflexão e ao debate sobre o tema (THIOLENT, 2006), serão aqui discutidas as mudanças percebidas entre os integrantes dos encontros na medida em que se sucediam os debates.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação de Jovens e Adultos: “juvenilização” e vulnerabilidades psicossociais

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) aparece no cenário educacional como uma modalidade de grande relevância por representar uma alternativa para pessoas que abandonaram os estudos ou não os concluíram por fatores que, em geral, extrapolam o campo educacional. Essa modalidade de ensino consolidou-se a partir dos preceitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), onde é definida como “modalidade de ensino destinada àqueles que não tiveram acesso ou à continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Existem diversas formas de denominar essa modalidade de ensino, fazendo com que suas nomenclaturas sejam um reflexo da própria história de sua evolução em diversos países, num movimento no qual o tratamento dos

termos ora se liga à complementação de estudos, ora à suplementação de escolarização, tendo esta um caráter de correção de escolaridade (FRIEDRICH et al, 2010). Anteriormente chamada de 'supletivo', modalidade de ensino surgida com o intuito de compensar as etapas educacionais não concluídas, posteriormente passou a ser chamada "Educação de Jovens e Adultos", visando destacar sua natureza não de suplemento, mas de fator intrínseco ao processo educacional. Tal mudança de denominação aponta para um processo de "[...] alargamento do conceito, ao mudar a expressão de ensino para educação. Enquanto o termo 'ensino' se restringe à mera instrução, o termo 'educação' é muito mais amplo compreendendo os diversos processos" (FRIEDRICH et al, 2010, p. 400). Junto com a mudança de nomenclatura ocorreu também uma redução da idade mínima para entrada na modalidade, a qual passou de 18 para 15 anos no que tange ao ensino fundamental, e de 21 para 18 anos para o ingresso no Ensino Médio.

O processo de ensino-aprendizagem na EJA possui particularidades relacionadas aos diferentes lugares sociais ocupados por seus alunos, às diferenças entre alunos jovens e adultos que frequentam esta modalidade, e entre estes alunos e os de escolas regulares (OLIVEIRA, 2001). Os alunos de EJA apresentam necessidades educativas diferentes das pessoas jovens e adultas que frequentam outras modalidades de ensino, fator agravado por sua realidade social, dado que este público, em geral, exerce profissões que exigem esforço físico, recebe baixos salários, estuda no turno noturno e têm acesso dificultado a bens materiais e culturais que facilitariam o ensino (OLIVEIRA, 2001).

Assim o perfil do público atendido pela EJA é composto por pessoas que não tiveram acesso à educação na idade apropriada, com dificuldades econômicas e sociais relacionadas à pouca escolarização. Dentre esse público há uma divisão entre o polo dos adultos e idosos, muitos analfabetos, e os jovens que procuram a EJA como uma via de retorno à escola, compreendida como uma entrada para a inserção no mundo do trabalho. (FRIEDRICH et al, 2010). Além disso, cresce cada vez mais o ingresso de jovens que o fazem para garantir uma conclusão mais rápida dos estudos ainda em curso na

escola regular (face à possibilidade de uma possível repetência) ou que são encaminhados devido a reiteradas repetências ou problemas de disciplina.

Dados relativos às matrículas por faixa etária em Santa Catarina no ano base 2012-2104 ajudam a esclarecer essa divisão etária - incluindo escolas estaduais, municipais e pertencentes ao sistema SESI que tenham a modalidade EJA –, ao apontar que do total de 83.064 alunos matriculados na EJA, 7.446 têm de 15 a 17 anos, 36.972 alunos têm entre 18 e 29 anos, 34.270 possuem idade entre 30 e 59 anos e 4.376 têm mais de 60 anos (JALFFIN, 2015). Se considerarmos a convenção estabelecida pela OMS, que considera jovens pessoas até 29 anos, em torno de metade dos alunos atuais de EJA no Estado são jovens, com uma parcela considerável desse extrato estando ainda na fase da adolescência.

Esse fenômeno foi chamado de 'juvenilização da EJA' e é constatado desde a década de 1990, mesma época em que houve a mudança da idade mínima de ingresso na EJA de 18 para 15 anos. Essa mudança no perfil de grande parte dos alunos mudou a concepção até então hegemônica que a considerava uma modalidade para o adulto trabalhador, alterando a identidade da EJA e surpreendendo educadores e gestores que não estavam preparados para o trabalho com esse público.

De uma forma geral, os jovens que chegam à EJA acumulam experiências frustrantes em relação à escola regular, com destaque para problemas de indisciplina, rotatividade, estigmatização e baixa-estima pelo desempenho insatisfatório na escola regular (MELLO, s/ data, p.08). Ilustrando os efeitos dessa realidade, um estudo qualitativo desenvolvido em uma escola pública na cidade de Salvador aplicou entrevistas em jovens entre 15 e 24 anos, buscando compreender os significados que atribuíam à escola e evidenciou algumas das dificuldades encontradas por esse público (BORGHI, 2009). Nas entrevistas se destacava um discurso que associava os jovens a sujeitos incapazes de aprender, diferentes dos alunos adultos da EJA, ao considerar que os mesmos não se implicam no processo de aprendizagem e são indisciplinados. Segundo a autora este discurso é incorporado com naturalidade, fazendo com que o jovem aí chegue como um “fracasso

anunciado”, ao incorporar em seu discurso o fato de que ser estudante desta modalidade como um indicador de incapacidade e fracasso acadêmico.

Dentre os poucos estudos com foco no perfil e realidade dos jovens estudantes da EJA, uma pesquisa qualitativa realizada na cidade de Porto Alegre chama a atenção para a situação de vulnerabilidade desses estudantes. O estudo os descreveu como em maioria homens, negros, de baixa renda, atores de atos infracionais, muitos com medidas socioeducativas em andamento, e com presença destacada de uso de substâncias psicoativas (MELLO, s/ data).

Frente a essa realidade, é necessário refletir sobre os determinantes sociais e de saúde que compõe o cotidiano desses jovens, como uma via para a aplicação de intervenções voltadas à redução de vulnerabilidades de forma sensível as culturas juvenis contemporâneas. Se o uso de drogas é apontado por membros da comunidade acadêmica dos EJA de Florianópolis como algo frequente e problemático em seu dia a dia é necessário desencadear processos de discussão e informação que facilitem a compreensão dos significados dos usos de drogas nesse contexto, evitando modelos teóricos reducionistas, centrados na noção de doença, pautados em racionalidades biologicistas e morais (SCHNEIDER, 2010).

Nesse processo é fundamental deslocar o foco sobre os usuários para compreender outros processos presentes nos núcleos que possam estar tornando ainda mais problemática essa relação, dado que mais do que um problema individual o consumo de drogas é um problema social, evitando, assim, um aumento dos danos e das consequências negativas desses usos sobre a aprendizagem, as relações sociais e as trajetórias futuras de vida dos estudantes.

2.2. Escolas promotoras de saúde

Um caminho para a construção de intervenções psicossociais visando à promoção de saúde de comunidades escolares reside nas orientações presentes no ideário das Escolas Promotoras de Saúde (EPS). A EPS apresenta uma alternativa eficaz para a aplicação dos princípios da Promoção

de Saúde no espaço escolar, local estratégico para fortalecer o desenvolvimento saudável, provocar reflexões e ações de valorização da saúde física e emocional para uma vida saudável (ELICKER et al., 2015).

Nessa visão cabe à escola estimular estilos de vida e ambientes saudáveis por meio de processos desenvolvidos em conjunto com a comunidade escolar, de forma participativa e crítica. Assim um projeto de EPS deve atuar como um mediador entre “as pessoas e os ambientes e ter como objetivo central aumentar a participação dos sujeitos e da comunidade na modificação dos determinantes do processo saúde doença”. (ELICKER et al., 2015, p. 159).

No desenvolvimento de processos de Promoção de Saúde em escolas deve-se priorizar: promover um ambiente saudável; criar estímulos ao desenvolvimento de estilos de vida saudáveis; desenvolver ações capazes de promover a autoestima dos alunos e o estabelecimento de relações positivas entre os alunos, professores, pais e entre a escola e a comunidade; além do oferecimento de conhecimentos e habilidades adequadas para que os alunos tomem boas decisões em relação a sua saúde e ao aprimoramento de seu ambiente.

Ao aproximar as demandas que originaram este projeto do paradigma da EPS compreende-se que o melhor caminho para um trabalho com os problemas desencadeados pelo uso de drogas entre alunos na EJA seria pela via do estímulo à discussão e ação coletiva sobre os mesmos, proporcionando à comunidade a construção conjunta de meios de compreensão e respostas aos seus problemas e necessidades. Nesse caminho o paradigma das EPS leva à elaboração do trabalho de forma que não se ponha foco apenas sobre um problema específico, mas prevê a criação de meios para construir um ambiente de convivência prazeroso e solidário, aberto ao diálogo e as diferenças (ELICKER et al., 2015, p. 159). Em relação aos problemas relacionados ao uso de drogas recomenda-se a promoção de espaços para ações de Educação em Saúde nas escolas de forma a instigar reflexões não preconceituosas, baseadas em informações. Nesse caminho é importante visar ao aumento da qualidade de vida das pessoas que usam drogas, pensando a

saúde de forma contextualizada ao problematizar seu acesso ao lazer, à educação, ao trabalho bem remunerado, entre outras questões que podem ser pauta de processo de Educação em Saúde desenvolvidos de forma transversalizada ao currículo escolar. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA; SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS, 2016). Entende-se que um projeto de EPS deva ser concebido a partir do tensionamento das tendências hegemônicas das práticas de Educação em Saúde, construindo outras formas de fazer saúde na escola.

2.3. Prevenção em ambiente escolar

O Ministério da Saúde define prevenção ao uso de drogas como um “processo de planejamento, implantação e implementação de múltiplas estratégias voltadas para a redução dos fatores de vulnerabilidade” e de fortalecimento de fatores de proteção. (BRASIL, 2003, p. 31). Os programas preventivos focam em grupos específicos e desenvolvem ações com a finalidade de atuar sobre fatores que predispõem ao uso ou abuso, os quais serão distintos em cada realidade psicossocial (BUCHELE; COELHO; LINDNER, 2009).

Tradicionalmente as ações de prevenção são embasadas por uma concepção oriunda da Infectologia, divididas em três tipos: prevenção primária, secundária e terciária. (OLIVEIRA; SILVEIRA, 2006; NOTO; MOREIRA, 2006). Segundo Noto e Moreira (2006) uma via mais recente para planejar programas preventivos segue uma divisão em três tipos de intervenções, divididas de acordo com as especificidades da população-alvo. O primeiro tipo são as Intervenções Universais, dirigidas à população em geral. Já as Intervenções Seletivas conformam o segundo grupo e se direcionam a populações com fatores de risco ao abuso de drogas. Por último há as Intervenções Indicadas, destinadas a pessoas que já utilizam drogas e que apresentam padrões de comportamento problemáticos. De acordo com as autoras, esses programas visam não apenas à diminuição ou cessação do uso, mas à melhoria de outros aspectos da vida do usuário, como por exemplo, o rendimento escolar. Também destacam que o paradigma não coloca o foco na droga em si, mas

nas características do grupo populacional alvo da intervenção. Portanto as implantações de programas necessitam ser precedidas de uma análise minuciosa das características dessa população.

3. MÉTODO

Este estudo pertence a um projeto de pesquisa e intervenção psicossocial mais amplo que tem como delineamento a pesquisa-ação, pois busca gerar conhecimentos para aplicação prática dirigida à solução de questões. A pesquisa-ação se aplica a projetos em que os profissionais buscam efetuar transformações em suas próprias práticas. É definida, assim, pelo uso que faz de técnicas de pesquisa consagradas para produzir a descrição dos efeitos das mudanças da prática no ciclo da investigação-ação (TRIPP, 2005).

O projeto de pesquisa maior foi denominado “Promoção de saúde na EJA: Desafios para o enfrentamento de vulnerabilidades psicossociais e problemas relacionados ao uso de drogas” e visa à implantação de uma intervenção piloto em um dos núcleos de EJA de Florianópolis, com potencial de replicabilidade para os demais núcleos do município. Será desenvolvido em quatro etapas inter-relacionadas: (1) a primeira terá caráter exploratório-descritivo, ocorrendo por meio da realização de uma análise de necessidades do contexto estudado, na qual ocorrerão, entre outras, o padrão de uso de drogas, a identificação de fatores de risco, vulnerabilidade e proteção, os sentidos do ensinar e aprender; (2) a segunda consiste no planejamento da intervenção, por meio dos dados da etapa anterior e das orientações da literatura; (3) a terceira etapa se refere à aplicação da intervenção propriamente dita; (4) a última etapa consistirá na avaliação das etapas anteriores.

A primeira parte do estudo, objeto desse capítulo, tem por base a ideia central de que realizar uma intervenção psicossocial é um processo que exige uma adequada planificação, para a qual é fundamental a realização prévia de uma acurada análise de necessidades (SARRIERA, 2014; THIOLENT, 2006; BRANDÃO; STRECK, 2006). Essa etapa é a primeira do processo interventivo

e se constitui como uma avaliação diagnóstica básica, precedendo ao processo de intervenção (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005). Busca reconhecer o estado do problema em relação ao qual ocorrerão as etapas posteriores da intervenção, permitindo delimitar seus objetivos, população-alvo e formas de obtenção de recursos (SARRIERA et al, 2004; SARRIERA, 2014).

Visando propiciar o protagonismo dos participantes, desde o início do processo, seguindo um dos princípios da promoção de saúde, ao viabilizar um ambiente em que as *necessidades*, os *problemas* e os *recursos* dos nove núcleos de EJA pudessem ser compreendidos e debatidos, de outubro a dezembro de 2016 foram realizados seis encontros, de 2 horas e 30 minutos cada, sendo que os dois primeiros foram realizados no Departamento de Psicologia da UFSC e os demais no Núcleo de Educação Permanente da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. Participaram dessa ação de três a quatro estudantes e um professor representante de cada um dos nove núcleos da rede EJA do município de Florianópolis, totalizando em torno de 40 participantes diretos. Nesse processo o direito à expressão dos membros foi garantido de forma igualitária (SARRIERA, 2014).

O método de trabalho adotado nos encontros foi construído de forma coletiva pelo grupo a partir das discussões efetuadas no primeiro encontro, adotando o mesmo método pedagógico da EJA denominado “Pesquisa como Princípio Educativo”. Nesse método os alunos aprendem os conteúdos curriculares por meio de um processo no qual identificam interesses de pesquisa a partir de temas de seu cotidiano e delineiam processos de investigação guiados por etapas pré-determinadas. Abrange as seguintes etapas:

1. Elaboração de um *tema de pesquisa*. O tema deve ser escolhido espontaneamente pelo grupo de alunos, de forma a refletir questões importantes em seu contexto de vida.
2. Escolha das *perguntas* que constituirão uma *problemática de pesquisa*. Elaboração preliminar das perguntas que guiarão o estudo do tema, conduzindo à construção de uma problemática a ser pesquisada. Nesse

processo o aluno deve socializar as perguntas no grande grupo, buscando entendê-la e melhor delimitá-las, reescrevendo-as se necessário.

3. Desenvolvimento de *justificativas*. A partir de debates acerca do porquê e do para quê de cada pergunta, são elaboradas justificativas para o estudo do tema e sua relevância.

4. Construção das *Hipóteses*. Compreendidas como as possíveis respostas para a problemática de pesquisa.

5. *Síntese*. Nesta etapa o aluno elabora-se uma síntese das pesquisas efetuadas, a qual deve ser socializada com o grupo.

A realização dessas etapas ocorreu do segundo ao sexto encontro. Os estudantes e professores participantes levavam para seus núcleos as discussões dos encontros e definiam coletivamente os conteúdos correspondentes a cada etapa. Sendo assim, o processo envolveu a participação de boa parte dos estudantes da EJA de Florianópolis.

No último encontro os participantes apresentaram suas sínteses e avaliaram o processo efetuado. Os encontros foram gravados e posteriormente transcritos para análise. Foram também produzidos diários de campo de cada encontro efetuado.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS ENCONTROS

A seguir serão descritos cada um dos seis encontros efetuados em termos de dinâmica e principais temas abordados. Serão também destacados os resultados de cada etapa do processo, dando relevo às respostas de cada grupo.

a. Primeiro encontro

Temas abordados: esclarecimentos sobre a pesquisa; definição do método de trabalho a ser utilizado e troca de opiniões acerca do tema uso de drogas na EJA.

A primeira reunião ocorreu no Departamento de Psicologia da UFSC, no turno noturno, contando com 27 participantes da EJA. A reunião iniciou com a

apresentação de todos os presentes, seguida de uma explicação acerca da demanda para realização do projeto ter sido oriunda da SEC, a qual solicitou a construção de um programa de prevenção nos EJA do município, o qual seria precedido de uma pesquisa visando conhecer a realidade do uso de drogas nos núcleos. Foi explicado que a ação seria planejada e implementada em parceria entre as duas instâncias participantes, sendo que representantes dos alunos de cada núcleo fariam a coleta de dados.

Inicialmente alunos e professores fazem colocações que ressaltam o uso de drogas na EJA como um grande problema que prejudicaria a todos e se manifestaria de uma forma homogênea em relação às causas e efeitos sobre a vida dos usuários. Nota-se que, em sua maioria, as falas não diferenciam substâncias, efeitos e diferentes padrões de uso e expressam opiniões do senso comum sobre todas as drogas produzirem dependência, escalada, como os expressos nas falas a seguir:

- “(...) fumam na rua e vão chapados para a aula, (...) assim não conseguem aprender nada”...
- “Eles têm que entender que a EJA é para estudar, não bagunçar!”.
- “O aluno chapado incomoda mais o professor que os outros, ficam sentados no fundo bagunçando”.

Depois de um tempo surgem vozes divergentes em relação ao tom inicial. Começa a instalar-se um clima de oposição por parte de alunos e professores que compreendem de forma diferente a questão, ressaltando outros fatores implicados na relação uso de drogas e postura em sala de aula, tais como:

- “Usar álcool e fumar cigarro também é usar drogas”.
- “Tem que quebrar o preconceito. Acham que todo mundo que estuda no EJA usa drogas”.

Fala-se sobre o aluno que vai à aula sob efeito de alguma substância ser tratado de forma diferente pelo professor, como se já ficasse “marcado”: - “Eu acho que não atrapalha, vai de o professor estimular o aluno”.

Um aluno jovem diz usar drogas desde os nove anos de idade. Surgem

opiniões acerca de os usuários de drogas serem alunos 'normais' que usam substâncias, mas se estão na escola é porque querem estudar e, sendo assim, é melhor que estejam lá, mesmo que sob efeito de drogas. Nesse sentido, uma aluna diz que a reação do aluno depende da postura do professor, e dá um exemplo de uma professora que conseguiu envolver um aluno usuário em um projeto, alcançando bons resultados.

Depois de um tempo no qual se acirram as discussões é feita uma síntese do encontro, encaminhando a reunião para seu término. Por último surgem questões acerca da aglomeração na frente da escola para uso de maconha (a principal droga relatada como utilizada durante o período de aulas) gerar muito preconceito para com os alunos em geral da EJA por parte da comunidade ao redor dos núcleos. Nesse sentido um professor, parecendo incomodado acrescenta que talvez o problema não seja o uso de drogas, em si, mas as práticas de uso. A partir daí outro professor relata que alunos fizeram uma pesquisa sobre o uso em sua escola e descobriram que somente entre 15 e 20% dos alunos seriam usuários de drogas, dado que contrastava com as afirmações iniciais sobre o uso ser uma prática generalizada entre os alunos e com a amplitude do mal estar que tais práticas causavam interna e externamente aos núcleos. Frente à polêmica assim gerada um professor questiona sobre a real importância de fazer um programa de prevenção e pergunta: O uso de drogas na EJA é um problema para quem?

Ao final do encontro são feitas as combinações para o próximo. É combinado então que representantes de cada um dos núcleos trariam perguntas que teriam levantado junto aos seus colegas como forma de iniciar o processo da pesquisa.

b. Segundo encontro

Temas abordados: exposição do processo de trabalho feito em cada núcleo sobre a definição da problemática e descrição das perguntas elencadas.

A reunião ocorreu nas dependências da UFSC e teve o objetivo de discutir e eleger as problemáticas que guiarão o levantamento de

necessidades, advindas da discussão feita junto aos colegas de núcleos. Após a apresentação dos integrantes e esclarecimento de dúvidas iniciais a coordenadora do projeto pede que alguém da EJA a ajude a coordenar a reunião, visando instalar uma dinâmica parecida com a que os alunos têm em sala de aula. Uma professora se oferece para auxiliar, organizando as falas por núcleo, a fim de elucidar como foi o trabalho de levantamento das problemáticas, quem participou e quais resultados obtiveram. As informações são digitadas e visualizadas por todos.

A partir de então um representante de cada núcleo explica como foi o processo para a organização das perguntas em cada local e expõe as perguntas eleitas. Cabe destacar que cada núcleo se organizou de acordo com a disponibilidade de tempo e interesse dos alunos, com alguns envolvendo todos os estudantes na discussão, enquanto outros trabalharam em grupos menores.

Tabela 1 – Síntese das perguntas dos núcleos da EJA sobre a problemática uso de drogas e processo ensino-aprendizagem

Núcleos da EJA		
Se usar drogas morre?	Qual é a consequência da maconha na aprendizagem?	Como ocorre a influência da maconha no bairro?
Como as pessoas se viciam?	O que vem junto com o uso de drogas?	Os filhos podem ser influenciados pelos pais que fumam maconha?
Qual a idade média para início do consumo?	Como reduzir o consumo de drogas?	A maconha atrapalha a aprendizagem?

Por que a maconha é proibida e o cigarro não?	Uso de maconha ou álcool pode causar transtorno psicológico?	Violência familiar conduz ao uso de drogas?
Como as pessoas se sentem quando usam drogas?	A maconha causa dependência?	Por que existem países que liberam o uso de maconha e outros não?
A maconha faz mal à saúde?	Por que o tema da drogadição aparece com frequência como problemática de pesquisa na EJA?	Por que a maconha é sempre a primeira droga a ser utilizada pelo jovem?
Por que as pessoas usam a maconha?	Quais os principais motivos das pessoas utilizarem drogas?	Como seria o uso coletivo da maconha na sala de aula? Será que os alunos iam gostar?

Assim que os grupos terminam de expor as problemáticas levantadas em cada núcleo, inicia-se uma discussão sobre como fazer a seleção para elencar a problemática que guiará a pesquisa. Decide-se que todas sejam lidas e o grupo eleja as prioritárias. A reunião segue até o fim com a leitura de cada questão, seguida de discussões sobre as mesmas, abordando temas diversos. Algumas perguntas suscitam discussões mais prolongadas, tais como: perguntas sobre efeitos das drogas; perguntas sobre o que são drogas; qual a diferença entre drogas e medicamentos psiquiátricos; “usuário de maconha é drogado?”; comentários sobre os incômodos causados pelo uso de maconha nas imediações dos núcleos, etc.

Nesse processo a equipe da UFSC sugere a importância de discriminar

perguntas que apontam à necessidade de trabalhar informações sobre drogas, das perguntas que oferecem material para a construção do projeto. Os participantes são convidados a refletir durante a escolha das questões se estas ajudam ou não a subsidiar a intervenção.

Cabe ressaltar que essa reunião trouxe à tona novamente divergências internas ao grupo, as quais podem ser descritas como uma oposição de perspectivas entre alunos e professores que se posicionavam de forma contrária ou repressiva em relação aos usos de drogas e outro formado por pessoas que questionam sobre em que medida que este é realmente um problema. Em alguns momentos a troca de posições assumia um tom mais reativo, com as discussões tornando-se acaloradas. Como porta-voz da última posição, um professor critica o projeto, argumentando que a demanda para sua realização proviria dos professores, e não dos alunos, os quais estariam participando apenas para “legitimar a pesquisa dos professores” (sic). Alguns alunos confirmaram o que o professor falava, manifestando se incomodam também com este projeto. Nesse momento a equipe da UFSC retoma a justificativa do projeto, a demanda, e sua proposta de desenvolvimento que prevê uma real construção coletiva do mesmo, bem como as implicações de assumir essa demanda.

No final parte-se aos encaminhamentos para o próximo encontro, acordando sua data e a tarefa a ser realizada até lá: os alunos deveriam repassar a seus colegas o que havia sido discutido nesta reunião e com eles formular as justificativas e hipóteses da pesquisa, as quais seriam discutidas no próximo encontro.

c. Terceiro encontro

Temas abordados: discussão da justificativa do projeto; mitos sobre uso de drogas e problemas de cada núcleo.

Nesse encontro é dada continuação à eleição das temáticas para nortear a pesquisa. Cada núcleo apresenta três propostas, descrevendo o processo de eleição pelos alunos e a justificativa. Boa parte retirou as questões de reuniões com as turmas, sendo fruto de construções coletivas. Após a

exposição das perguntas inicia-se a organização das perguntas que não foram votadas ou tiveram um só voto. Após decide-se separar: perguntas relacionadas ao processo de aprendizagem e uso de drogas na escola; questões relacionadas à proibição ou liberação das drogas; perguntas relativas a alterações causadas pelo uso de drogas.

Em meio ao trabalho de classificação das perguntas, assuntos relacionados ao tema, apontando para questões pertinentes ao cotidiano dos núcleos. Por exemplo, um aluno ressalta que há um “mito de que todo aluno do EJA usa drogas que atinge também quem não usa”. Outro aluno fala da necessidade de deixar claro o objetivo da pesquisa para que se evite confusões. Também relatam que alguns alunos que estavam frequentando as reuniões e não vieram mais poderiam estar se sentindo “acuados”. Uma das professoras questiona se o projeto tem foco nos alunos ou se também abarcará os professores. Retoma-se então o que motivou a pesquisa, destacando que o foco não é dizer às pessoas que não usem drogas, mas trazer dispositivos para que se possa entender de forma mais complexa a problemática. Destacam-se algumas falas:

- causados
- Será que todos os problemas são mesmo apenas pelo uso de drogas?
 - O professor às vezes se preocupa mais com o aluno que vem chapado do que com aquele que trabalhou o dia todo e chega na EJA cansado, sem condições de aprender.

Ao final do encontro são votadas as quatro perguntas que irão subsidiar a primeira parte do projeto a qual compreende, além das reuniões com representantes dos núcleos, uma ação de levantamento do padrão de uso, fatores de risco e proteção e sentido do uso de drogas e do processo ensino-aprendizagem entre os alunos da EJA. As perguntas eleitas para guiar o processo de pesquisa nos núcleos foram:

- Que tipo de drogas os estudantes da EJA mais usam?
- Como lidar com o uso de drogas na escola?

- Qual é a consequência da maconha na aprendizagem?
- Por que o tema da drogadição aparece com frequência como problemática de pesquisa na EJA?

Ao final deixa-se marcada a próxima reunião na qual deverão ser trabalhadas a justificativa, as hipóteses e construído o mapa conceitual da pesquisa.

d. Quarto encontro

Tema Abordado: definição do Mapa Conceitual em torno da Problemática

A partir das quatro perguntas eleitas no encontro passado, a pergunta escolhida para ser a norteadora geral do futuro projeto de intervenção é eleita: “Como lidar com o uso de drogas na escola? ”

As outras perguntas levantadas no encontro anterior ajudariam a definir o mapa conceitual da pesquisa, ou seja, os conteúdos que auxiliariam no esclarecimento da pergunta principal. Sendo assim, as perguntas: - “Que tipo de drogas os estudantes da EJA mais usam?”, - “Qual é a consequência do uso maconha para o processo da aprendizagem?” e - “Por que o tema da drogadição aparece com frequência como problemática de pesquisa na EJA?” serão elementos a serem incluídos no levantamento a ser realizado.

Com base nessas definições iniciou-se a discussão das justificativas, que os representantes dos Núcleos trouxeram de suas elaborações nos núcleos específicos. Cada núcleo apresenta suas justificativas e o processo de eleição das mesmas. Ao final do encontro é combinado que será feita uma síntese das justificativas trazidas pelos núcleos para ser debatida e aceita, ou não, pelo grupo.

e. Quinto encontro

Tema Abordado: definição da justificativa unificada

O encontro começa com o esclarecimento de dúvidas dos alunos acerca das diferenças entre descriminalização e liberação do uso de drogas. Os alunos trazem dúvidas, fala-se sobre opiniões correntes e discriminatórias sobre o uso de drogas e acerca da troca de opiniões diferentes que tem acontecido nos encontros.

A equipe da UFSC apresenta então uma síntese feita a partir das justificativas, resultado do trabalho coletivo feito em cada núcleo. Ressalta que a mesma foi apenas editada, visando dar uma coerência ao conjunto das justificativas enviadas.

Proposta de justificativa

Lidar com drogas na escola é uma questão difícil, pois, existe muito preconceito e muitas pessoas preferem não discutir sobre o assunto. A pesquisa vem proporcionando um espaço de reflexão sobre o assunto. Este projeto de pesquisa se justifica, na medida em que a questão dos problemas relacionados ao uso de drogas é um desafio que os núcleos de EJA/Florianópolis enfrentam atualmente. Os problemas referentes a este tema são diversos. Podemos citar, por exemplo, o uso de drogas no cotidiano escolar, causando desinteresse por parte de alguns alunos que, muitas vezes, preferem ficar fora da sala de aula para fumar ou vender algum tipo de droga dentro do ambiente escolar. Além disso, em algumas situações, presenciamos violência na escola, por motivo de tráfico de drogas. Por outro lado, sabemos que a repressão tanto policial como por parte de alguns professores, pode ocasionar discriminação e exclusão dos alunos envolvidos com o uso de substâncias e com o tráfico de drogas.

Por esse motivo, este projeto, pretende contribuir para enfrentar os problemas referentes à drogadição e seus impactos na escola, de forma pacífica, não discriminatória, a fim de ajudar os alunos que não tiveram chances no passado, o direito de estudar e poder tomar um rumo melhor nas suas vidas. É importante sabermos sobre como lidar com o uso de drogas na EJA para convivermos com harmonia e agirmos com ética e coerência no ambiente escolar. Além disso,

entendemos que é relevante atuar na prevenção dos problemas relacionados ao uso abusivo das drogas. Sendo assim, pretende-se estudar a realidade sobre a problemática do abuso de drogas e seu impacto na aprendizagem, além de esclarecer alguns pontos sobre este tema, na medida em que este assunto aparece com frequência nas pesquisas dos alunos da EJA”.

Inicia uma discussão sobre as próximas etapas do projeto. É proposta a realização de um último encontro para a avaliação do processo realizado até então e delineamento das etapas para o ano seguinte. Uma professora sugere a partilha de vídeos, imagens, animações, etc., escolhidas pelos alunos acerca dos temas discutidos nos encontros. Decide-se também fazer uma confraternização.

f. Sexto encontro

Tema abordado: avaliação do processo realizado em 2016-2

São apresentados vídeos escolhidos em cada núcleo sobre o tema drogas. Entre esses, é apresentado o vídeo “Guerra ao Drugo”, que desconstrói a visão proibicionista e foca no questionamento das consequências da “Guerra às Drogas”, que afasta as pessoas com problemas de drogas e as torna mais vulneráveis. O tema mobiliza os participantes e se torna um momento importante de troca e fornecimento de informações sobre a questão das drogas a partir de um enfoque ampliado, abordando questões políticas, econômicas e históricas, permitindo relativizar o enfoque predominante no início dos encontros.

Segue um momento no qual cada participante expõe sua opinião sobre o processo. Todos ressaltam a importância de ter participado do projeto e de que o mesmo foi, aos poucos, diminuindo opiniões moralistas sobre os usuários de drogas, fornecendo meios para como abordar a questão em sala de aula. A avaliação de maneira geral foi muito positiva.

5. DISCUSSÃO DOS ENCONTROS

Produzir um trabalho voltado ao público da EJA, construído de forma participativa e dialógica, implica considerar as particularidades dessa modalidade a qual está em posição de marginalização perante a comunidade escolar e a que a cerca, fato relacionado às polaridades históricas que marcam a sociedade brasileira, demarcando diferenças entre escolas “boas” e escolas para “pobres” (ARROYO, 2007). Além disso, requer produzir formas para desvelar os modos de vida dos alunos e os lugares sociais que ocupam (OLIVEIRA, 2012), considerando também os processos que conformam a chamada juvenilização da EJA e que têm como pano de fundo processos de exclusão de jovens que não se adaptam aos papéis sociais normalizados pela escolarização regular.

Segundo a UNODOC (2013) jovens em situação de vulnerabilidade social, residentes em comunidades pobres, com pouco ou nenhum apoio familiar e acesso limitado à escola, encontram-se em situação de maior risco ao envolvimento problemático com drogas. Para muitos, a instabilidade em que vivem dificulta a priorização da educação, levando-os a abandonar a escola diversas vezes e, quando tentam voltar a estudar, em geral são encaminhados das escolas regulares para o EJA devido a situações reiteradas de repetência ou por destoarem dos demais alunos do ensino regular, por questões de idade, comportamento ou, ainda, por envolvimento com situações de uso ou venda de drogas.

Ao retomar a demanda que gerou a criação do projeto, a principal justificativa para o pedido seria uma suposta amplitude do uso de maconha entre os alunos jovens. No entanto, durante a realização dos encontros do projeto surgiram divergências em relação a essa opinião. Diferentemente dos alunos e professores que afirmavam se incomodar com o comportamento dos usuários em aula, é citada uma pesquisa realizada dentro da metodologia da EJA que buscou compreender a extensão do uso de drogas neste local e apontou que esta prática estaria presente entre, no máximo, 20% dos alunos. Apesar da pequena amostra da pesquisa e da informalidade de sua realização, bem como com base nos depoimentos de membros da comunidade acadêmica

que perguntam 'para quem' o uso de drogas é um problema na EJA, consideramos a possibilidade de o uso de drogas entre os alunos se apresentar como um sintoma de processos mais complexos, que sinalizam a existência de um mal-estar na EJA. Este estaria relacionado a dificuldades que emergem do confronto entre culturas e visões de mundo dos jovens alunos da EJA em relação aos demais membros locais. Além disso, já foi atestado pela literatura da área, o fato de os processos de juvenilização da EJA denunciarem a vulnerabilidade social deste público (jovem, pobre, com trajetórias de dificuldades escolares), que anuncia que as formas até então dominantes para resolvê-lo parecem não solucionar a questão, apenas empurrá-la para que se manifeste longe das escolas regulares.

Os próximos passos do projeto serão o levantamento do padrão do uso de álcool e outras drogas entre os estudantes, assim como, o levantamento do sentido do estudar e aprender na EJA e sua relação com o uso de álcool, maconha e outras drogas. Com bases neste retrato da realidade será construído, coletivamente, ações de promoção de saúde para esta modalidade educativa, visando superar preconceitos e facilitar o processo de inclusão educacional dos estudantes envolvidos.

Conclui-se que a EJA representa um espaço privilegiado para o desenvolvimento de intervenções psicossociais visando a promoção de saúde da comunidade acadêmica por meio de uma articulação não hierarquizada de saberes técnicos e populares, visando à mobilização de recursos para torná-la um ambiente que promova saúde e permita a reconstrução de histórias de vida. Com base na dinâmica e resultados dos encontros produzidos destaca-se o acerto da escolha por trabalhar com os pressupostos da Promoção da Saúde, a qual surge como um paradigma que integra conceitos e ideias oriundos de diferentes disciplinas. Esse enfoque aborda as questões de saúde e doença como resultantes de interações complexas, visando ao trabalho com coletivos em busca do desenvolvimento de práticas saudáveis e de seu empoderamento. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2007).

Destaca-se assim a importância da influência da esfera social sobre a determinação dos processos de saúde-doença das populações, trazendo à

tona a necessidade de trabalhar sobre os determinantes sociais e de saúde que denunciam o papel das iniquidades nas condições de vida sobre a saúde e o acesso aos serviços públicos (XIMENES et al., 2015). Nessa visão as relações de classe social determinariam as condições de vida e de saúde, com os problemas oriundos da privação de renda se somando e articulando a outras privações, como por exemplo, as dificuldades escolares de grande parcela da população.

Cabe destacar que cada núcleo teve um processo diferenciado de trabalho, uns congregando pessoas mais interessadas no tema, e outros nos quais participaram apenas os que compareciam nas reuniões do grande grupo. No entanto, o fato de parte considerável dos representantes ter conseguido levar as discussões realizadas para seus núcleos potencializou o alcance do projeto. Esse fator é importante porque criou meios para compreender esse público e suas necessidades relacionadas ao tema, destacando o desconhecimento da comunidade acadêmica sobre características, efeitos e políticas sobre drogas, demonstrando a relevância do trabalho da Educação em Saúde como forma de instigar reflexões não preconceituosas, baseadas em informações, de forma transversalizada ao currículo escolar.

No processo de participação coletiva foram registrados processos de sensibilização, compreensão ampliada da realidade presente em cada núcleo e diminuição da estigmatização em relação aos alunos usuários de drogas. Estes dados sugerem que processos aprofundados de levantamento de necessidades são fundamentais para a planificação da ação de intervenção futura, além de produzirem mudanças visíveis nos coletivos onde incidem, com melhora do bem estar psicossocial e produção de novas formas de convivência grupal (SARRIERA, 2014).

6. REFERÊNCIAS

AGRÍCIO, Maria Cristina de Farias; ANDRADE, Maria Helena Barbosa;

ALBUQUERQUE, Maria Nunes; SIQUEIRA, Maria Luiza Neto. Reflexão e Ação sobre Violência e Qualidade de Vida em Escolas Municipais do Recife –

Pernambuco. IN: MINISTÉRIO DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BORGHI, Idalina Souza Mascarenhas; *Sociedade globalizada: implicações sociais e culturais para a inserção social dos jovens da EJA*. Trabalho completo. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador.

BUCHELE, Fátima; COELHO, Elza Berger Salema; LINDNER, Sheila Rubia. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso das drogas. *Ciência e Saúde Coletiva*, n.14, v.1, p. 267-73, 2009.

ELICKER, Eliane et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 399-410, 2015.

FRIEDRICH, Márcia; BENITE, Ana Maria Canavarro; BENITE, Cláudio Roberto Machado; PEREIRA, Viviane Soares. Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v.18, n. 67, p.81-94, 2010.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. A oferta para a Educação de Jovens e Adultos em Santa Catarina: seus processos e políticas públicas. *Relatório de pesquisa*. Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Educação, 2015.

PMF/SME. *Estrutura, Funcionamento, Fundamentação e Prática na Educação de Jovens e Adultos*. EJA Florianópolis. 2008.

MELLO, Marco. *Culturas e identidades juvenis: na EJA de quem é mesmo o*

bagulho? S/data. Disponível em:

<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/emilio/autoria/artigos2009/artigo-marco-2009.pdf>. Acesso em outubro de 2016.

MOREIRA, Fernanda Gonçalves; SILVEIRA, Dartiu Xavier; ANDREOLI, Sérgio Baxter. Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. *Ciência e saúde coletiva*, v.11, n.3, p. 807-816, 2006.

NEIVA, Kathia Maria Costa. *Intervenção Psicossocial*. Porto Alegre: Vetor eEitora, 2010.

NOTTO, Ana Regina; MOREIRA, Fernanda Gonçalves. Prevenção ao uso indevido de drogas: conceitos básicos e sua aplicação na realidade brasileira. IN: SILVEIRA, Dartiu Xavier; MOREIRA, Fernanda Gonçalves. *Panorama atual de drogas e dependências*. São Paulo: Atheneu, 2006.

OLIVEIRA, Maria Paula Magalhães Tavares; SILVEIRA, Dartiu Xavier. Reflexões sobre a prevenção do uso indevido de drogas. In: SILVEIRA, Dartiu Xavier; MOREIRA, Fernanda Gonçalves. *Panorama atual de drogas e dependências*. São Paulo: Atheneu, 2006.

OLIVEIRA, Samia Abreu. *Prevenção em saúde mental no Brasil na perspectiva da literatura e de especialistas da área*. Dissertação. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UNB), 2012.

SARRIERA, Jorge Castellá (Org.). *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

SARRIERA, Jorge Castellá. Análise de necessidades de um grupo ou comunidade: a avaliação como processo. IN. SARRIERA, Jorge Castellá; SAFORCADA, Enrique Teófilo. *Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2008.

UNODC Escritório das Nações Unidas Sobre Drogas e Crime. *Normas Internacionais Sobre a Prevenção do uso de Drogas*, 2013.